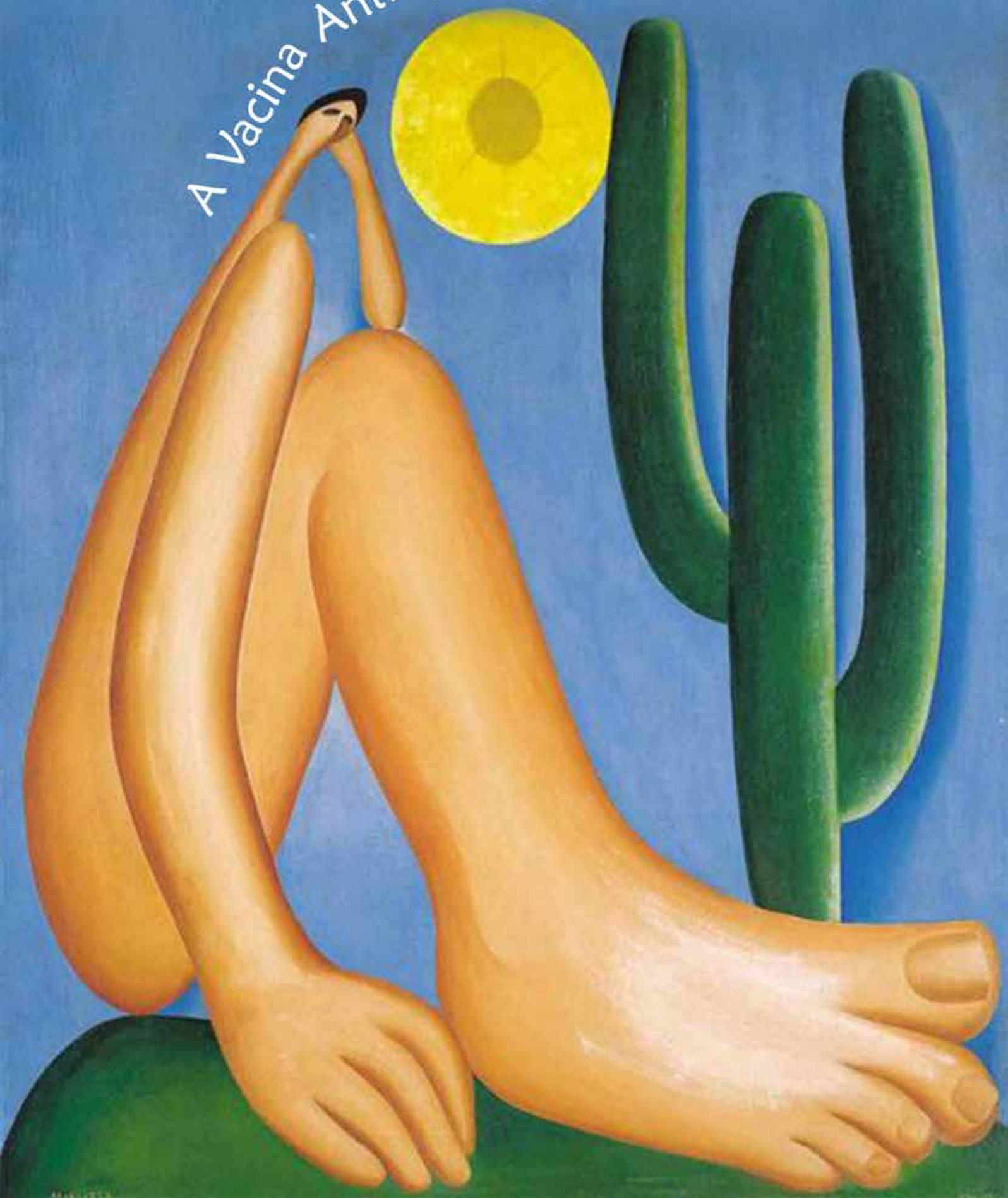


# TARSILA ou

ESTELAR  
DE TEATRO

A Vacina Antropofágica



# TARSILA ou A Vacina Antropofágica

Novo monólogo da companhia Estelar de Teatro, é um diálogo com a cultura brasileira contemporânea e a necessidade de novas imagens para um mundo em transição. A busca de uma potente vacina para o imaginário, por meio do ato teatral, é a super tarefa de nosso novo trabalho, com texto e atuação de Viviane Dias, autora de 3 livros e peças que circularam pelo Brasil e países como Portugal, Alemanha, México, Itália, França e Chile.

Usando como mote um diálogo com a obra e vida de uma das pintoras brasileiras de vanguarda mais importantes, Tarsila do Amaral (1886-1973), que, junto com sua geração, reinventou um Brasil, o espetáculo busca inspiração em artistas que nos precederam para formular as provocações para o tempo que nos é dado viver.

 **ESTELAR**  
DE TEATRO



Se "vacina" foi assunto necessário dos últimos anos, evocamos agora a sonhada Vacina Antropofágica para lidar com os desafios de um país que necessita de novas imagens, duzentos anos após ter sido decretada sua independência política e cem anos após o decreto de sua independência cultural.

TARSILA 24

(Entre o decreto e o fato, quais são os hiatos?)

**Tarsila: pela Vacina Antropofágica** é um manifesto pró vida (em tempos de necropolítica): em que encantados da mata, personagens de ficção e da mais dura realidade rural e urbana furam as bordas do tempo na busca da necessária recriação de um país, valorizando os esforços das gerações passadas e não nos omitindo dos passos necessários para potencializar o tempo que nos é dado viver.

Uma peça-passeio Socrático - em que o diálogo, prática tão necessária ao nosso país, seja o motor de nosso Cadillac Verde de Oswald de Andrade - pelo que de mais potente já foi criado na arte brasileira ao longo dos séculos XX e XXI. Com alegria, a eterna prova dos 9, mas sem abrir mão de um olhar crítico sobre nossa história cultural e suas exclusões, evocamos um continente poético possível, potente e guiado pela cultura, num espaço-paralelo - o Brasil das Brasilidades, a imagem do Brasil criada pelos modernistas como utopia política, afetiva, existencial - quase perdida numa encruzilhada do tempo. Uma peça rito de cura para o Brasil de 2022!



...Só a antropofagia  
(ainda)  
nos une?

O texto e a encenação vão beber dos mais de 16 anos de experiência da Estelar de Teatro TARSILA-24 pesquisando uma cena de voz feminina e antropofágica, no território de integração das artes, especialmente as artes visuais, com forte presença da poesia, das imagens, das novas tecnologias, da música e da festa.

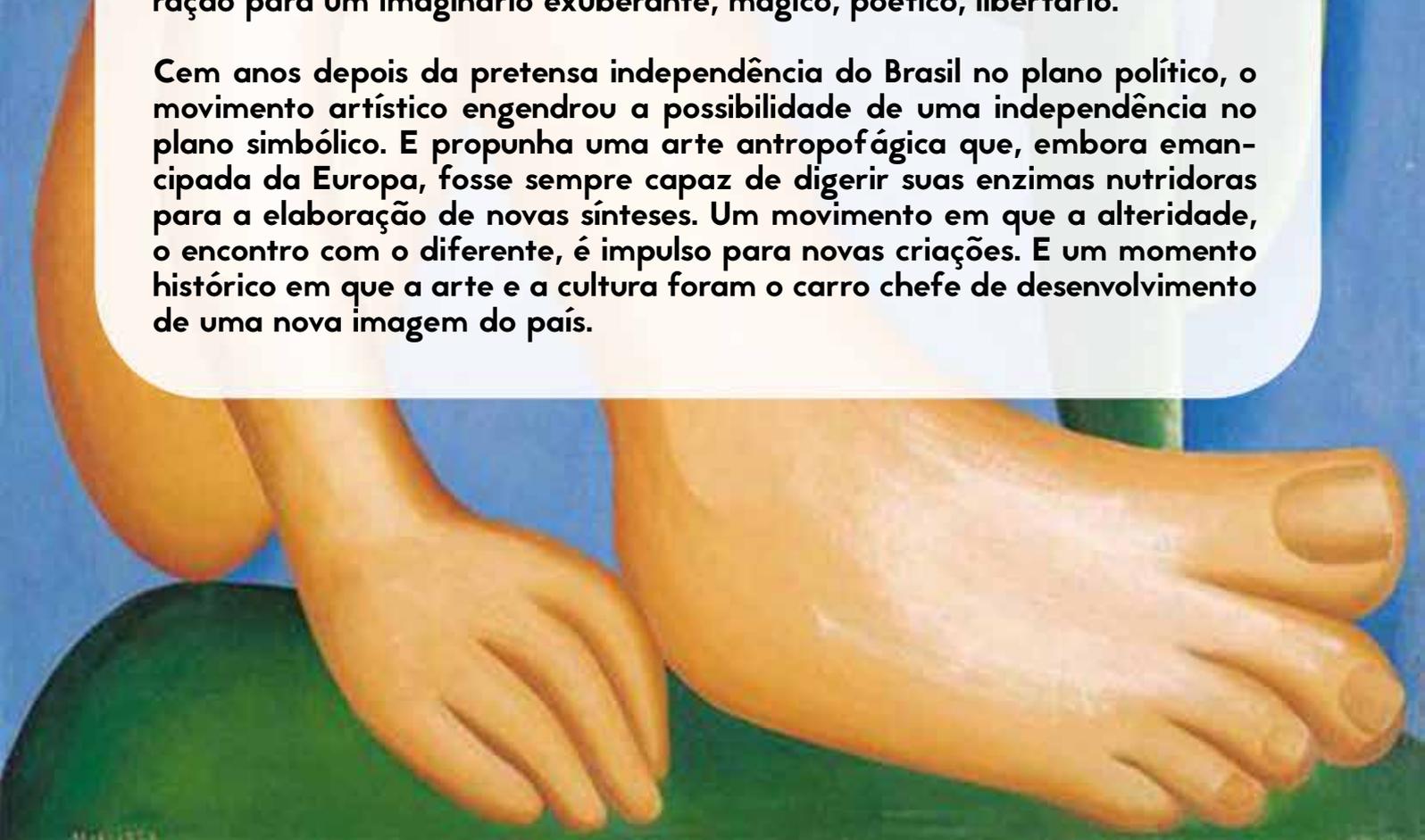
## O projeto & seu tempo

Numa Cratera de Mercúrio – batizada, em 2008, de fato com o nome da pintora brasileira – Tarsila do Amaral acorda de um sono de décadas. Está no cosmos, ao lado de Ci, a Mãe do Mato e único amor de Macunaíma. E de uma jovem Yanomami de 12 anos, estuprada por garimpeiros até a morte, recentemente e jogada no Rio Uraricoera, em Roraima...o mesmo rio em que, “no fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma”, no gigantesco silêncio de noite. Como ficção e realidade se misturaram desse jeito no Brasil?

Tarsila nasce de perguntas desassossegadas. Constela um texto de voz feminina: não só nos temas, a valorização de mulheres criadoras do Brasil (além de Tarsila, Anita Malfatti e a pioneira modernista Ema Voss são protagonistas), mas na linguagem porosa e poética, que abre espaço para a fecunda parceria com a música original e as artes visuais (vídeo-cenários com as obras da pintora Tarsila do Amaral) para um diálogo inquieto com um dos momentos mais fecundos da vida cultural brasileira e o tempo presente. Um olhar para o Brasil de ontem e de hoje na busca de saltarmos as encruzilhadas da história, num tempo em que precisamos mais do que nunca de novas imagens.

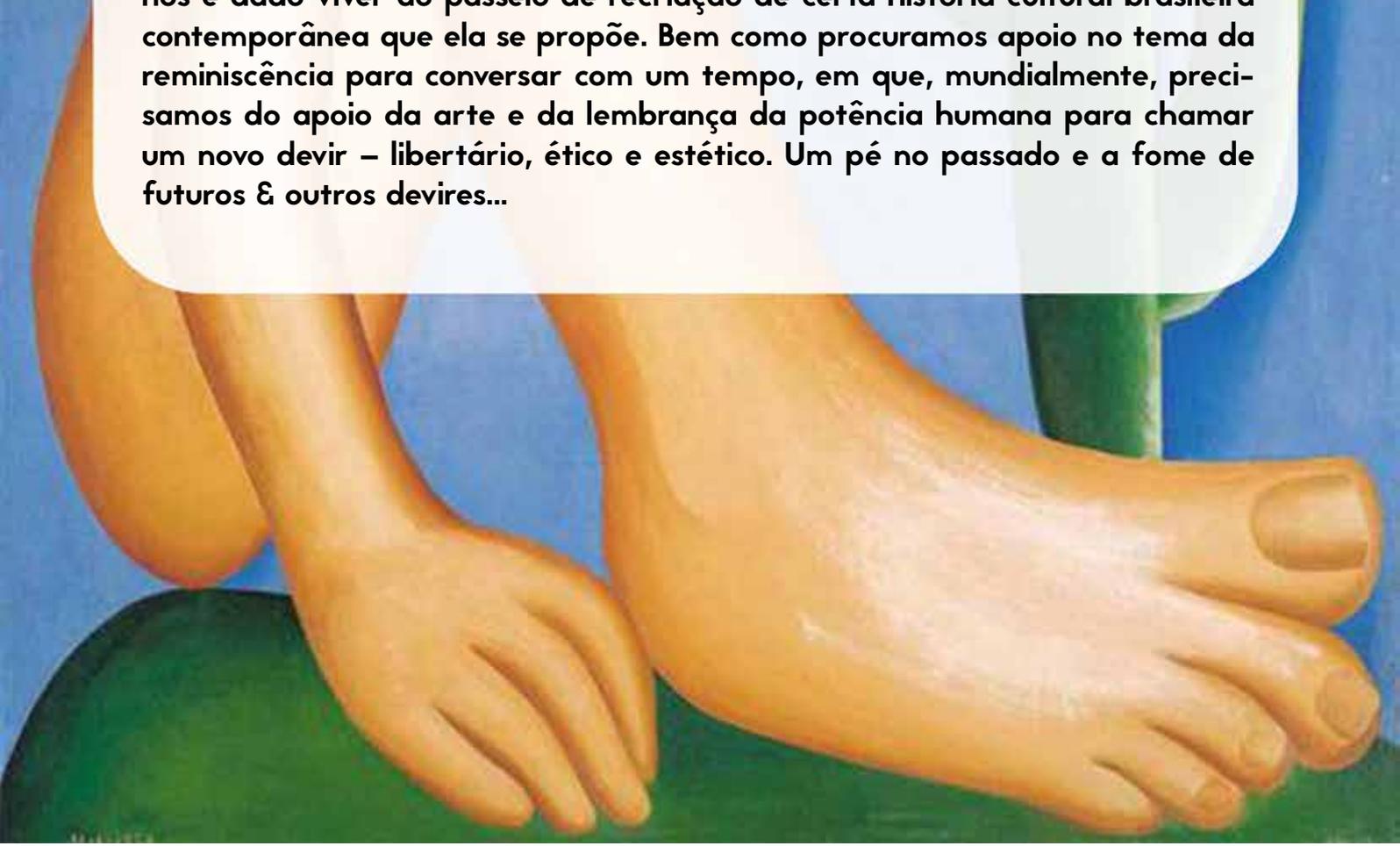
Tarsila propõe, com muito humor e a beleza das imagens da própria pintora que inspiram a dramaturgia, um passeio crítico pelo Modernismo Brasileiro, movimento gênese de uma nova ideia de arte, idiossincrática, caldeirão em ebulição do encontro entre diferentes culturas em um novo mundo, atualizando repertórios e linguagens. O passado cultural mítico, nativo é revalorizado pela primeira vez desde a Invasão Portuguesa e serve aqui de inspiração para um imaginário exuberante, mágico, poético, libertário.

Cem anos depois da pretensa independência do Brasil no plano político, o movimento artístico engendrou a possibilidade de uma independência no plano simbólico. E propunha uma arte antropofágica que, embora emancipada da Europa, fosse sempre capaz de digerir suas enzimas nutritivas para a elaboração de novas sínteses. Um movimento em que a alteridade, o encontro com o diferente, é impulso para novas criações. É um momento histórico em que a arte e a cultura foram o carro chefe de desenvolvimento de uma nova imagem do país.



O Modernismo parece ser um rio que às vezes se torna subterrâneo, mas vem à superfície saciar a sede coletiva em diferentes momentos históricos. No último poema, épico, de Pauliceia Desvairada, "As enfiaturas do Ipiranga", Mário de Andrade prevê a morte dos Modernistas, representados pelas "Juvenildades Auriverdes". Sucumbem, inicialmente, na grande disputa pelo imaginário que se dá no Vale do Anhangabaú. Morrem. Para renascer sempre que necessário: viram semente de novos tempos. José Celso Martinez Correia diz que o modernismo é sempre evocado quando o Brasil passa por uma grande crise cultural e social. E mesmo com as críticas que podemos fazer às grandes exclusões do movimento, foi um manancial fecundo para as mais potentes criações culturais do país, renascendo nas artes visuais (Hélio Oiticica e Lygias Clark e a Pappe), na música (Tropicália), no cinema Novo (de Glauber Rocha, por exemplo), no teatro (retirada do ostracismo de Oswald por Zé Celso nos anos 1960), na literatura, poesia e dramaturgia. Um movimento que merece ser melhor conhecido pelas novas gerações...

Num momento em que o Brasil parece ter se perdido numa encruzilhada cultural, moral, social e política, e em que os esforços de uma geração raramente tem continuidade na outra, buscamos alimento num momento artístico inventivo e revolucionário, sem abrir mão de um olhar crítico para os limites do modernismo. A peça tem um viés profundamente feminista, propondo novos ritos de inclusão e novos imaginários, "por que quando a voz das mulheres entra no mundo, todos os mapas se alteram", numa contribuição do tempo que nos é dado viver ao passeio de recriação de certa história cultural brasileira contemporânea que ela se propõe. Bem como procuramos apoio no tema da reminiscência para conversar com um tempo, em que, mundialmente, precisamos do apoio da arte e da lembrança da potência humana para chamar um novo devir – libertário, ético e estético. Um pé no passado e a fome de futuros & outros devires...

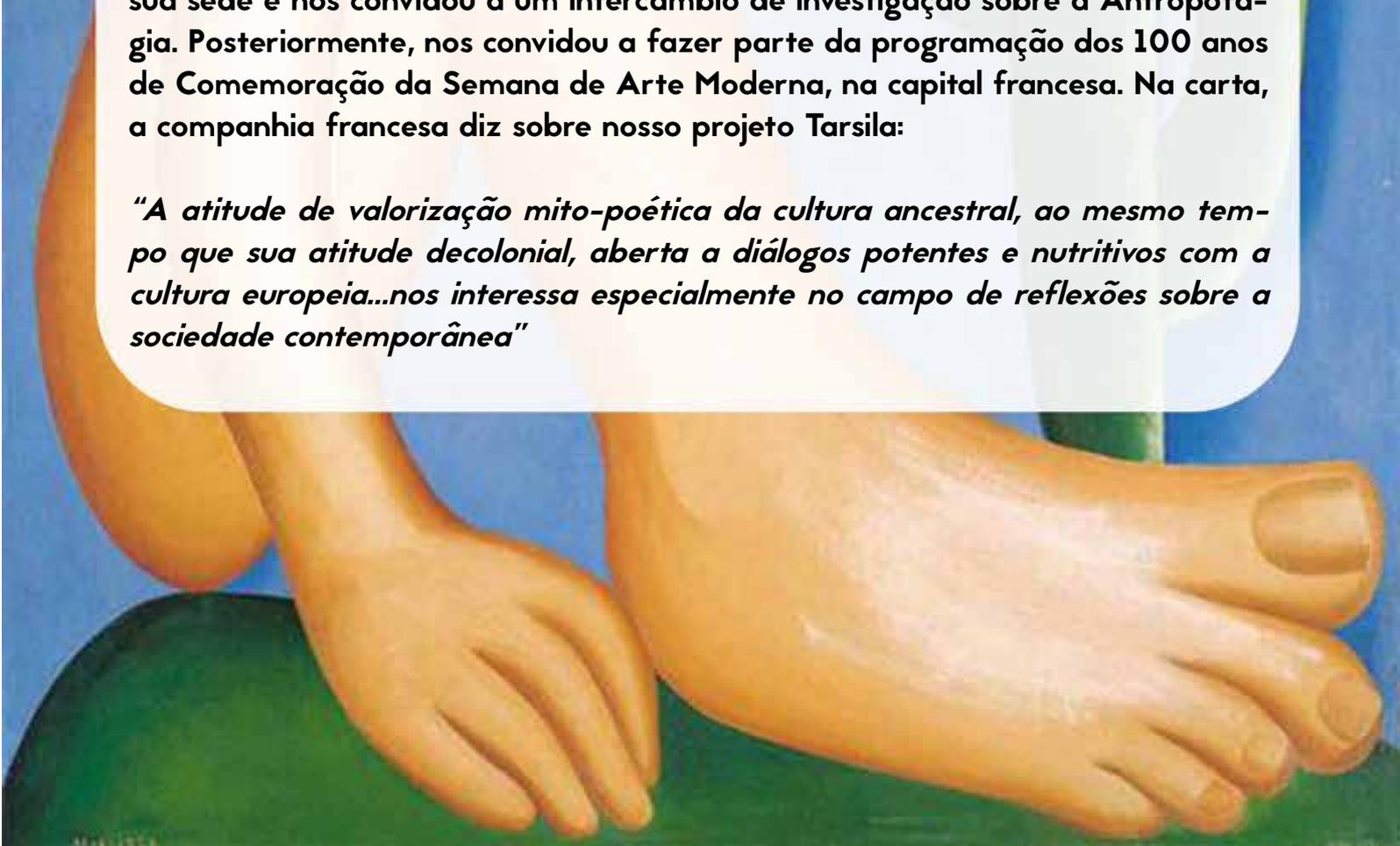


O trabalho como continuidade uma investigação de linguagem nascida em 2006 - ou o histórico da companhia “devorando” Antropofagia:

A Estelar de Teatro, nascida em 2006, teve, desde sua origem, o Manifesto Antropófago como referência. Seu próprio nome vem de provocações do Manifesto: “a magia e a vida”; “acreditar nas estrelas”. O modernismo brasileiro inspirou todos os nossos trabalhos, com diálogos mais evidentes em Frida Kahlo-Calor e Frio (em que Oswald de Andrade era evocado para dialogar com os Modernistas Mexicanos); bem como foi uma das principais ideias geradoras éticas e estéticas para nosso “Matriarcado de Pindorama” (já no título evocava o Manifesto Antropófago), que ocupou até o Museu do Ipiranga trazendo as vozes silenciadas de nossa história e situando um novo país neste território mito-poético criado por Oswald de Andrade; bem como em sua continuidade nos teatros-filmes que produzimos durante a pandemia “Matriarcado-América”. Agora, pedimos o apoio deste edital para essa continuidade de nossa vida criativa tão em coerência com uma investigação de linguagem de mais de 16 anos e suas necessárias novas imagens.

Finalmente, informamos que nossa peça tem um convite para se apresentar no Théâtre de l'Opprimé, de Paris. O teatro parisiense assistiu ao último trabalho da Estelar de Teatro, o filme-teatro criado na pandemia: “Matriarcado-América: A Máquina dos Sonhos”, fez um encontro de apresentação do trabalho em sua sede e nos convidou a um intercâmbio de investigação sobre a Antropofagia. Posteriormente, nos convidou a fazer parte da programação dos 100 anos de Comemoração da Semana de Arte Moderna, na capital francesa. Na carta, a companhia francesa diz sobre nosso projeto Tarsila:

*“A atitude de valorização mito-poética da cultura ancestral, ao mesmo tempo que sua atitude decolonial, aberta a diálogos potentes e nutritivos com a cultura europeia...nos interessa especialmente no campo de reflexões sobre a sociedade contemporânea”*





## NOVAS PROTAGONISTAS E IMAGINÀRIOS

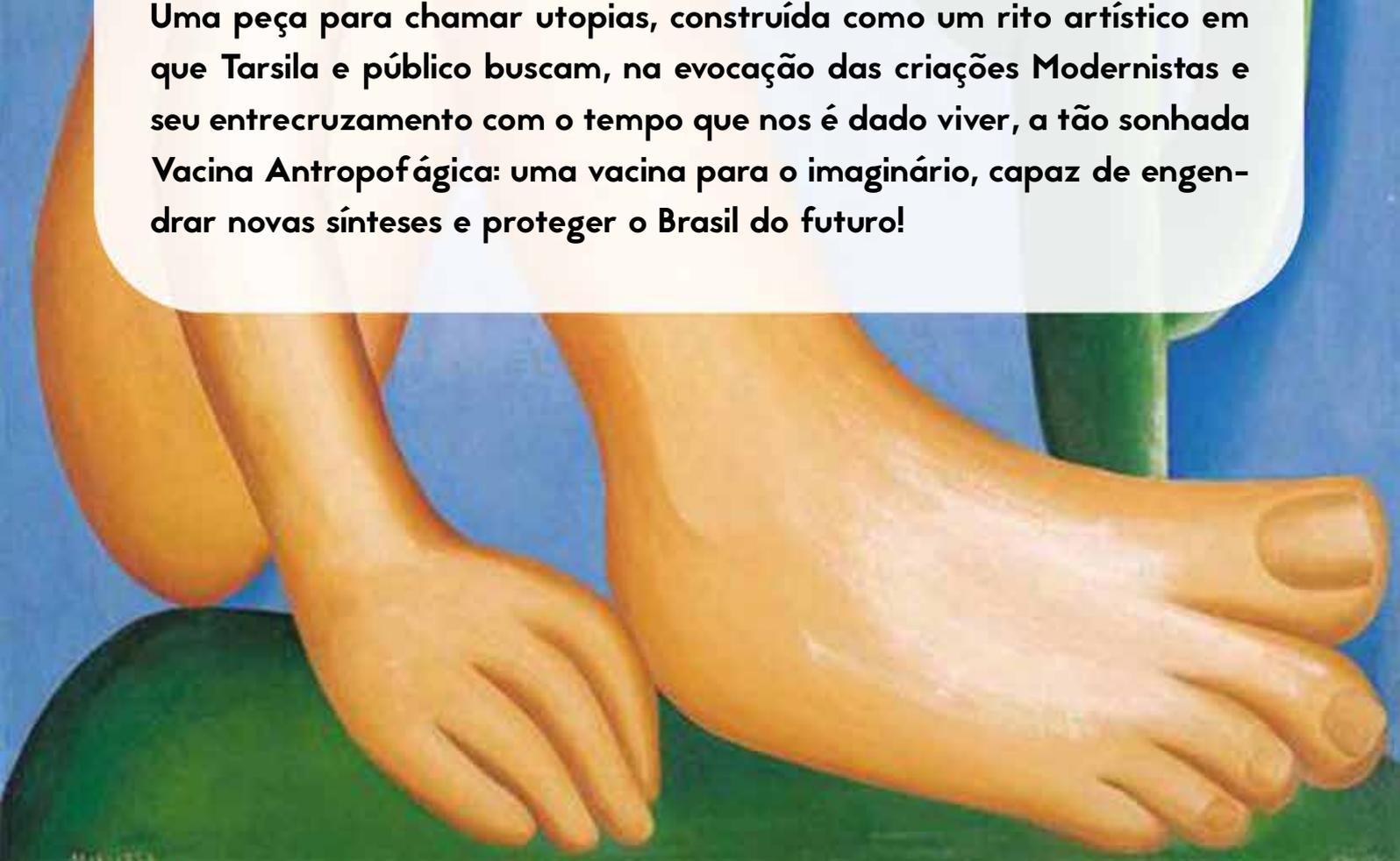
A recriação poética de um país é conduzida por uma personagem mulher – a Tarsila do Amaral (1886-1973), uma das mais importantes figuras da pintura brasileira. É ainda construída como um grande rito de inclusão de vozes silenciadas, que se revela paulatinamente, “porque quando a voz das mulheres entra no mundo, todos os mapas se alteram”. Bem como procuramos apoio no tema da reminiscência para conversar com uma realidade em que precisamos do saber da arte e do fortalecimento da cultura para chamar um novo amanhã – libertário, ético e estético. Um pé no passado e a fome de futuros & outros devires...

# SINOPSE

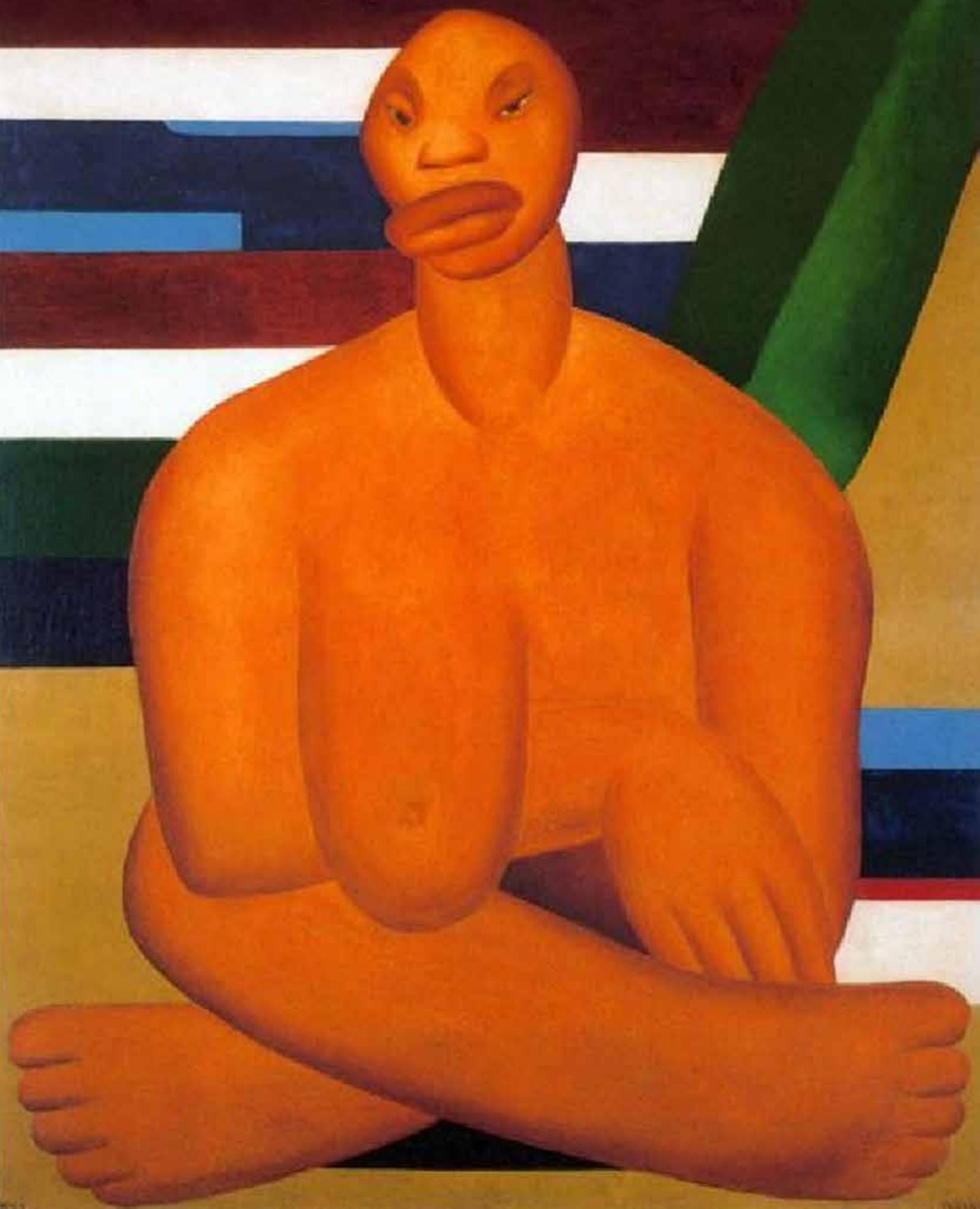
Tarsila do Amaral acorda de seu sono no cosmos, num grande vazio em que sua única certeza é a necessidade de criar uma nova imagem - um condensado de energia inspiradora de futuros - antes que o gigante Piaimã, Venceslau Pietro Petra, comedor de pedras - a eterna forma de quem engole gente, respiros, amanhã - tente devorá-la (em procedimentos da "Baixa Antropofagia"). Há um estranho cheiro de morte no ar... mas não há velas, ritos, nada...só um odor de distopia.

Em um diálogo entre realidade, ficção e imaginário Modernista, Tarsila nos propõe uma rememoração daquilo que de mais potente já foi criado na arte brasileira ao longo dos séculos XX e XXI - um continente poético possível, potente e guiado pela cultura, o Brasil das Brasilidades, num espaço-paralelo e parece ter se perdido numa encruzilhada do tempo.

Uma peça para chamar utopias, construída como um rito artístico em que Tarsila e público buscam, na evocação das criações Modernistas e seu entrecruzamento com o tempo que nos é dado viver, a tão sonhada Vacina Antropofágica: uma vacina para o imaginário, capaz de engendrar novas sínteses e proteger o Brasil do futuro!



 **ESTELAR**  
DE TEATRO



# Tempo – Espaço & Imaginários

Estamos “no cosmos”, no além-vida, num espaço tempo de possibilidades infinitas, em que personagens da realidade cultural brasileira e da ficção dialogam com questões e temas contemporâneos. De lá, na carona do Cadillac Verde de Oswald de Andrade, rumamos para o Brasil das Brasilidades, um território mito-poético instaurado pelo Manifesto Antropófago.

A personagem Tarsila do Amaral será construída em diálogo com sua biografia e a leitura de seus quadros. Uma estreita parceria entre seus lados “criadora e criatura”, um híbrido entre fatos de sua vida pesquisados (como a relação com o interior do Brasil e Paris) e suas propostas estéticas. Além dos autorretratos todos que fazem parte da dramaturgia e, especialmente, os quadros da fase Antropofágica mais conhecidos, destacam-se “Composição (Figura Só)” e “Sono” - ambos de 1929 e ainda o tardio “Batizado de Macunaíma”, de 1956. Como grandes parceiros do texto, fornecem imagens, temas, interlocução, movem a cena, revelam facetas de Tarsila.

Livros e museus, artigos de jornais e revistas culturais da época e mesmo as cartas trocadas entre os Modernistas foram também pesquisados na dramaturgia. O livro “Tarsila: sua obra e seu Tempo” de Aracy A. Amaral, não só situa historicamente a obra de Tarsila, como traz muitos documentos que compõe o texto. Aracy, uma das primeiras pesquisadoras do tema, fornece importantes informações biográficas pormenorizadas de Tarsila e também reflete sobre o panorama histórico, cultural e sócio-político da época.

Tarsila será ainda construída em conversa com um híbrido, o casal Tarsiwald (apelido dado por Mário de Andrade ao casal Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade).

Anita Malfatti, Ema Voss também são personagens, tendo funções épicas na narrativa. Serão tecidas a partir de dados de suas biografias e ressaltaremos o caráter de pioneirismo no Modernismo de ambas: ousadia, visão de futuro, capacidade de sínteses e... diferentes silenciamentos históricos. Os fatos com Anitta que foram o gatilho da Semana de Arte Moderna são motor da ação. No caso de Ema, mergulhamos e posteriormente nos distanciamos da personagem histórica para imprimir nela um caráter de símbolo: ela se torna nossa EVA, uma peça chave na recriação de um país pelo rito de inclusão de vozes silenciadas do Modernismo que propomos na peça.

**Oswald de Andrade e Mário de Andrade** são também personagens que aapreção projetados. Suas falas serão sempre retiradas de contextos históricos ou literários que viveram ou produziram.

Em **Oswald de Andrade**, por exemplo, seu caráter irreverente, genial e brincalhão se revela nas ações. Por exemplo, quando acusado, por **Monteiro Lobato** (outro personagem histórico secundário na peça), de ser o “responsável” pelas subversões da arte do início do século XX no Brasil, na Revista Terra Roxa, de 1926 ( a “culpa” toda seria da “displícência de Oswald de Andrade e de todos os outros modernistas que nada mais são que inexperientes burlados pela mistificação do poeta de Pau-Brasil”), responde de Paris atijando a maldade contra si próprio, em tom de ironia e piada. Não enganou só os amigos brasileiros, mas o mundo todo:

“Ver a exposição de Artes Decorativas em 1925, em Paris. Tudo torto, fora de prumo, rebentado, doido. Fui eu quem disse que assim era bonito. E os trouxas acreditaram.”

**Mário de Andrade** na dramaturgia do projeto, fala por cartas, reais, escritas à Tarsila em diferentes momentos da vida, como uma reminiscência, uma imagem do passado evocada para o tempo presente. As correspondências têm uma elevado caráter ético-estético e merecem ser mais conhecidas do público: constelam desde grandes temas da cultura da época, bem como fazem uma deliciosa crônica de costumes. Uma escrita que não é só uma palavra no papel, mas um jeito específico da palavra e uma palavra que não consegue dizer de outro modo o que diz. “As cartas de Mário. Um concentrado de prazer. Estético. E a eloquência de tudo aquilo que ele calava. Elegância”. É também o grande interlocutor de Tarsila e, no decorrer da narrativa, se transforma mesmo num gigante da cultura brasileira - desta vez criador e não destruidor - que a conduz de volta ao cosmos, no fim do rito de criação de vacinas para o imaginário que a peça se propõe.

Para os demais personagens, por seu processo criativo envolver intertextualidades, optamos aqui por fornecer estas informações dentro das ideias geradoras éticas e estéticas - as referências principais do texto que produziram diálogos, em nossa dramaturgia, entre:

### a) Obras modernistas e o tempo atual:

Além do Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade, bastante presente como orientação da peça, Macunaíma, de Mário de Andrade é outra importante referência de nosso trabalho. A linguagem de “Tarsila ou a Vacina Antropofágica” propõe fronteiras tênues entre criadores e suas obras, ficção e realidade. Por exemplo, TARSILA DO AMARAL, uma personagem histórica, conversa com CI, A MÃE DO MATO e o GIGANTE PIAIMÃ PIETRO PIETRA, personagens de Macunaíma. Porém, nos permitimos “devorações” destas figuras de maneira livre, acrescentando planos ficcionais:

- PIAIMÃ, o “eterno adversário”, evocado desde as primeiras cenas, não é mais o gigante imaginado por MÁRIO DE ANDRADE mas sua versão “atualizada”, neoliberal, em 2022: não mata mais por enfrentamentos diretos, mas com seus óculos “que nada veem”. A descoberta de seu novo caráter se revela ao longo da peça. É um símbolo da cultura da indiferença, tão definidora das mazelas da contemporaneidade. De acordo com o psicanalista Christian Dunker, a cultura da indiferença marca o século XXI tal como a cultura do ódio. Mais uma exemplo de como entretecemos questões contemporâneas às provocações modernistas.

Outra obra fundamental de diálogo com a peça é a Paulicéia Desvairada, também de Mário de Andrade, por sua “presença” ainda na Semana de Arte Moderna, de 1922 (em que *Ode ao Burguês*, por exemplo, foi lido). A peça, também conversa textualmente com o poema épico de Mário “*As enfiaturas do Ipiranga*”, especialmente no destino modernista como semente de novos tempos.



## b) Obras clássicas como *Mênon*, de Platão:

Como prática de criação ao longo dos anos, a dramaturga sempre escolhe uma obra clássica como fonte de inspiração de seus textos e buscas de sínteses bastardas. Neste momento, em que mais do que nunca no Brasil precisamos ressignificar as palavras e reabilitá-las, buscamos aqui inspiração nos *Diálogos Platônicos*, revisitando mesmo as fontes, num exercício de humildade, para reinventarmos nosso tempo.

Em *Mênon*, do encontro entre perguntas, filosofia e não-saberes, emerge o tema da reminiscência como fonte de certo conhecimento. Emprestamos da obra o tema da reminiscência e o questionamento se a virtude pode ser ensinada. E, especialmente, a procura de conhecimento pela exposição à alteridade, pelo encontro com o outro e diálogo que produz o ... espanto. Em nossa peça, não buscamos a virtude de um indivíduo, mas a de um país. A virtude de um país pode ser ensinada?

*Mênon* traz certo imaginário platônico para a peça. E a palavra, o poder da imagem sobre a realidade social e a própria arte como linguagem são elevadas à posição de personagens do trabalho, no texto poético. O questionamento do poder da **IMAGEM** se torna linguagem e tema:

Se torna linguagem quando Tarsila dialoga com imagens projetadas, sejam as que criou durante a vida, sejam as memórias de seus parceiros modernistas que aparecem para ela não como seres reais, mas habitando... imagens; ou mesmo a imagem-fantasma do Piaimã, seu eterno adversário.

Se torna tema quando a própria **IDEIA** de imagem é assunto da dramaturgia, em momentos diferentes da peça. Tarsila diz:

*"Uma imagem é uma lembrança... ou uma antecipação...uma presença multidimensional! Um portal para uma nova realidade. Uma energia condensada de alta voltagem! ...*

*...Mesmo se só existe dentro da mente, é um curto circuito do relógio, que permite a irrupção de qualquer coisa do passado... ou do futuro. No agora...*

*Acabaram de descobrir picos azulados numa sonda que passou por aqui. Era eu pintando em brasileiro, gente...nunca desisti das imagens. Qualquer imagem é uma desordem do tempo & uma selvageria do pensamento. ..."*

Ou ainda:

*"Imagens que são feitas de alguma relação do pensamento com o não-pensamento, um pensamento daquilo que não pensa, os contraditórios em si, a revelação de um segredo oculto".*

O próprio texto, em si, é pensado como uma super tarefa: a criação, a partir de inúmeras referências e com a presença do público, de sementes para um novo imaginário, ou seja, a criação de novas sínteses que possam nutrir devires. E abrir caminhos para o Brasil do futuro!

# FICHA TÉCNICA

TEXTO: Viviane Dias

DIREÇÃO: Ismar Rachmann

VÍDEO-CENÁRIOS: Vic Von Poser

ELENCO: Viviane Dias

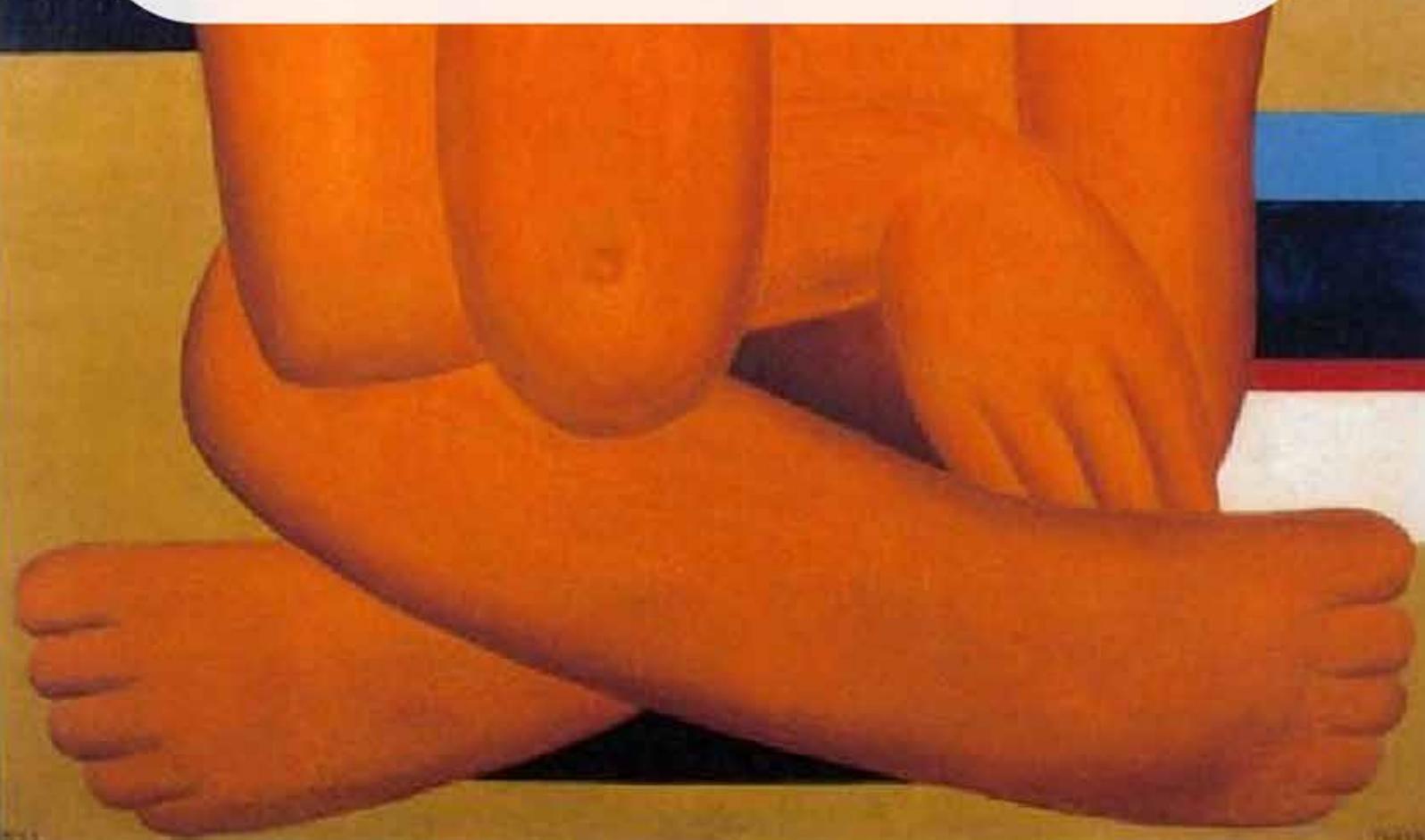
ELENCO PROJETADO EM IMAGENS:

Anderson Negreiro e Ismar Rachmann

MUSICA ORIGINAL: Gabriel Moreira

UMA REALIZAÇÃO: Estelar de Teatro

DURAÇÃO: 60 minutos



# A COMPANHIA



Fundada em 2006, com trabalhos cênicos em salas e ruas realizados em São Paulo e apresentados em diferentes cidades e países, em importantes festivais, teatros e centros de pesquisas internacionais na Alemanha, Itália, México, Portugal, França e Chile. Ganhamos, nos últimos anos, duas vezes o importante reconhecimento à companhias de pesquisa continuada do Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo, bem como O Proac Artes Integrada, o PROAC Circulação por Frida Kahlo- Calor e Frio, o Prêmio de Difusão e Intercâmbio da USP e o Iberescena. Fomos convidados para importantes festivais internacionais como o FLIPT – Festival Laboratório Intercultural de Práticas Teatrais, no Teatro Potlach, na Itália, ligado ao ISTA de Eugenio Barba e o Santiago OFF, no Chile, ambos em 2015. Apresentamos ainda nosso teatro-filme criado durante a pandemia, Matriarcado-América: A Máquina dos Sonhos, em importantes festivais e cidades portuguesas e francesas. No México, nossas apresentações (de Frida Kahlo - Calor e Frio), nos renderam carta de recomendação do exigente Museu Frida Kahlo, na Cidade do México, bem como realizamos intervenções urbanas e cursos difundindo nossa investigação de uma linguagem cênica brasileira em universidades como a UNAM e Escola Superior de Artes de Yucatán, no México. Na Alemanha, além de apresentações em Berlim, fomos convidados a participar de debates na Volksbühne (A Universidade Livre de Berlim) sobre formação teatral, um dos eixos de nossa investigação. Também nos apresentamos no Circuito TUSP de Teatro, em 2015, nas cidades de Bauru, Piracicaba, São Carlos e Ribeirão Preto, compartilhando nossa investigação artística e pedagógica através de oficinas; e no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, durante a primeira exposição de Frida Kahlo no país. Destaca-se ainda a performance conjunta entre Estelar de Teatro, Teatro Potlach (Itália) e a performer indiana Parvarthy Baul, em Farfa, na Itália: “Cantos de Amor entre o Oriente e Ocidente”, em junho de 2015. Em sua trajetória, a companhia realizou ainda uma série de residências artísticas internacionais em teatros como o Teatro Potlach, na Itália (braço do Odin), e o próprio Odin Teatret (2008), na Dinamarca. Decisiva ainda na trajetória da Estelar de Teatro é a influência do trabalho com o diretor e pedagogo russo Jurij Alschitz, desde 2011.

Temos uma sede na R. 13 de Maio, no tradicional bairro do Bexiga, o Teatro Estelar, espaço em que a companhia vem digerindo os frutos destes contatos com importantes encenadores e grupos contemporâneos que marcam sua pesquisa, em trabalhos com forte cunho brasileiro, especialmente pela presença da música, da dança, das artes performativas e da festa.

Em nossa sede, fomentamos ainda encontros públicos com temas contemporâneos como os Seminários de Voz feminina, com pensadoras do campo das artes (memória: <https://www.estelardeteatro.com.br/voz-feminina>), e Seminários de Dramaturgia Feminina, com autoras de teatro mulheres (memória: <https://www.estelardeteatro.com.br/residencias>),

## PEÇAS ENCENADAS:



**Matriarcado América**, de Viviane Dias, direção de Viviane Dias e Ismar Rachmann. Teatro-filme, em dois episódios: Matriarcado-América: A Sociedade das Eróticas em Menopausa e A Máquina dos Sonhos (2021). Apresentada de modo on-line e também presencialmente em São Paulo, Lisboa, Porto e Paris (2022).



**Matriarcado de Pindorama**, de Viviane Dias, direção de Viviane Dias e Ismar Rachmann. Em cartaz no Teatro Estelar, no Museu da Independência e na FarOFFA da Mit - 2018, 19 e 20. Em 2021, ganhou versão on-line.



**Invasores de Sistemas**, de Viviane Dias, direção Ismar Rachmann, (juvenil) em cartaz no Teatro Estelar e circulação por vários CEUs da capital paulista – 2018. Em 2021 foi remontada em versão on-line



**Frida Kahlo - Calor e Frio**, de Viviane Dias, direção Ismar Rachmann – apresentada no México, Alemanha, Itália, Chile e mais de 15 cidades do interior de São Paulo e Curitiba. Na cidade de São Paulo estreou no Viga, foi para o SESC Ipiranga, TUSP, Teatro Heleny Guariba e sedes de grupos parceiros, para a SP Escola de Teatro e Teatro Estelar - 2014-19.



**Caim**, de Viviane Dias, direção Ismar Rachmann, estreia no SESC Consolação; apresentações em várias cidades do estado (como Ribeirão Preto, Ilha Solteira e São Carlos) e no Espaço Redimunho de Teatro – 2012 e 2013.



**Mestres do Jogo**, de Viviane Dias, direção Ismar Rachmann, estreia no SESC Consolação, e no Teatro Commune, rodando por outras cidades de São Paulo – 2009 a 2011.



**Alice**, de Viviane Dias, direção Ismar Rachmann, em cartaz no SESC Consolação, nos Sartyros e teatro Julia Bergmann – 2007.

## INTERVENÇÕES URBANAS:

“Histórias Invisíveis nas Ruas”, Intervenção urbana criada por Estelar de Teatro e cidadãos. Apresentada em vários bairros de São Paulo (centro e periferias) e nas cidades de Santo André, Registro, Presidente Prudente, Caraguatatuba, Bragança Paulista e Sorocaba.

“Frida Kahlo – Calor e Frio em Intervenção humana”, intervenção urbana no Largo do Arouche e cortejo até o Museu da Diversidade, dentro do Metrô República, onde apresentamos fragmentos do espetáculo Frida Kahlo- Calor e Frio no museu e também ocupamos o espaço do Metrô. Uma parceria Estelar de Teatro, TUSP e Museu da Diversidade – dezembro de 2014.

”Frida!, nas ruas de Mérida”, no México, envolvendo atores e músicos da Estelar de Teatro, estudantes da Escola Superior de Artes de Yucatán e cidadãos , sob a direção de Marcos Bulhões e Marcelo Denny - 2014.

Intervenções urbanas com o Teatro Potlach, na Itália (em residência artística) na forma de paradas e participações de membros da companhia no projeto multidisciplinar de Artes Integradas “Città Invisibili”, todas dirigidas pelo diretor italiano Pino Di Buduo.



Intervenção Urbana nas ruas de Merida, Yucatan - México, 2014



Histórias Invisíveis nas Ruas - São Paulo e outras cidades do Estado

# VIVIANE DIAS

*dramaturga e atriz*

Atriz, dramaturga, diretora, jornalista, crítica de teatro e autora de três livros – *Frida Kahlo: Calor e Frio – Um Caminho para a Palavra Performativa*; *Matriarcado de Pindorama & outras imagens-manhãs* e *Matriarcado-América – a Máquina dos Sonhos*. Seu trabalho artístico circulou por vários países como Alemanha, Itália, França, Portugal, Chile e México. Co-fundadora da Estelar de Teatro.

Doutoranda em Artes Cênicas pela ECA-USP com um Doutorado Sanduíche em Artes Cênicas na Université Paris 8, na França. Mestra em Artes Cênicas pela ECA-USP, com um segundo mestrado em pedagogia teatral orientada diretamente pelo diretor ucraniano Jurij Alschitz na UNAM, Universidade Nacional Autônoma do México. Formada pela ECA-USP (jornalismo) e Ágora CDT (participou do núcleo de atores entre 2000-2005), completou sua formação com uma série de residências artísticas internacionais, como residência artística no teatro Potlach, na Itália, braço do ISTA, tendo participado de vários seminários da Escola Internacional de Teatro Antropológico (2008, 2015). Viveu um mês no Odin Teatret em residência artística; dois meses na Índia, no Milón Méla, dirigido por Abanis Biswas e 2 meses na Polônia, em residência artística com Anatoly Vassiliev no Instituto Grotowski. Desde 2011 trabalha com Jurij Alschitz.

Entre seus últimos espetáculos destacam-se o texto, co-direção e atuação no teatro-filme *Matriarcado-América*, em dois episódios (*A Sociedade das Eróticas em Menopausa* e *a Máquina dos Sonhos*), *Matriarcado de Pindorama* (co-diretora, dramaturga e atriz da peça de artes integradas), *Frida Kahlo-Calor e Frio* (dramaturga e atriz), dir Ismar Rachmann; *Performance Stanislavski 150 anos*, dirigida por Jurij Alschitz na Cidade do México. Foi dramaturga e atriz também de *Caim*, *Mestres do Jogo* e *Alice* - espetáculos da Estelar de Teatro, companhia de artes integradas entre 2009 e 2012; de *Bixiga - Uma Bela Vista*, dirigido por Roberto Lage e BarGaia, dirigido por Jairo Mattos. Dramaturga de “*Em Alguma Margem, no Rio*”, dirigida por Jairo Mattos. Ministrou cursos no Brasil e exterior. Participou da comissão Julgadora de Proacs Circulação e Dramaturgia.

Tem artigos e críticas publicadas em revistas como a *Sala Preta* e jornais como a *Folha de S.Paulo*, além de críticas em sites especializados de teatro, no Brasil.

Informações Imprensa: Viviane Dias 5511 998519094

Fotos e mais infos: [www.estelardeteatro.com.br](http://www.estelardeteatro.com.br)